



**COMPARAÇÃO DO USO VOCAL DE FEIRANTES
DAS CIDADES DE PIRACICABA E SÃO PAULO**

Lucia Figueiredo Mourão *

Tais Tábata Trevizor **

Cláudia Granato **

Elenir Fedosse ***

Kelly Cristina Alves Silvério ****

* Fonoaudióloga, doutora em Ciências pela Unifesp, docente do curso de Fonoaudiologia da Unimep e do mestrado em Fonoaudiologia da Unimep.

** Fonoaudiólogas clínicas, especializadas em linguagem pela Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep.

*** Fonoaudióloga, mestre em Linguística pela Unicamp. Docente do curso de Fonoaudiologia da Unimep.

**** Fonoaudióloga, mestre em Ciências e doutora em Biologia Buco-dental pela FOP/Unicamp. Docente do curso de Fonoaudiologia da Unimep.

Introdução

O interesse pela presente pesquisa surgiu da realização de um trabalho sobre voz profissional, desenvolvido em cumprimento à exigência curricular da disciplina Fonoaudiologia Comunitária – Vivência de Voz, do curso de Fonoaudiologia da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, no ano de 2000. Tal trabalho consistia em uma pesquisa de campo, seguida de levantamento teórico sobre um determinado grupo de pessoas que usasse a voz profissionalmente. A categoria profissional escolhida foi a de feirante, uma profissão que exige uso constante da voz, visto que, segundo a tradição, o comércio de produtos em uma feira se faz por meio do apelo verbal, especialmente da linguagem oral.

A palavra “feira”, do latim *feria*, significa mercado público, que se faz em épocas fixas e em um determinado local. A partir de um breve levantamento histórico, foi possível perceber a importância das feiras para a atividade econômica das sociedades urbanas atuais e as modificações ocorridas em sua estrutura ao longo do tempo.

As feiras livres surgiram no momento em que os grupos humanos deixaram de ser nômades e/ou coletores de produtos naturais e passaram à prática da agricultura. Tal prática permitiu a fixação da moradia e, conseqüentemente, a formação das chamadas *aldeias agrícolas*, que inicialmente tinham caráter de subsistência, ou seja, serviam para suprir as necessidades dos donos da terra e de seus empregados. Mas, à medida que se expandiram as técnicas de produção agrícola, gerou-se um excedente, que passou a ser oferecido a outros grupos, especialmente aos que viviam nos aglomerados urbanos (Mota, Braick, 1999).

No fim da Idade Média, surgiram os mercadores do Mediterrâneo, navegadores que compravam, vendiam produtos e levavam-nos às feiras locais, as quais desempenharam um papel fundamental na economia regional.

No que se refere ao Brasil, as feiras livres surgiram durante o Brasil colônia. Nelas se comercializavam gêneros alimentícios em praças e ruas, especialmente nas cidades portuárias, onde eram vendidos o pescado e outros produtos que chegavam nos barcos para o abastecimento das cidades.

A feira brasileira, com as características que conhecemos atualmente, teve seu início no século XVIII, após a autorização do terceiro vice-rei do Brasil. No

entanto, o reconhecimento formal pela administração pública só aconteceu no século XX, sendo regulamentado o seu funcionamento aos sábados, domingos e feriados (Coordenação de Licenciamento e Fiscalização da Prefeitura da Cidade do Rio, 1999).

Convém ressaltar que, na atualidade, as feiras livres persistem, apesar das radicais mudanças ocorridas em sua estrutura, advindas do processo industrial. Com a industrialização, os produtos, tanto os industriais quanto os naturais (alimentos), passam a ser oferecidos em outros locais de comércio (mercados e supermercados) e as feiras passam a comercializar, basicamente, produtos hortifrutigranjeiros e pescados. Os produtos comercializados nas feiras atuais variam de acordo com a região, ou seja, com a característica da produção local. Por exemplo, nas cidades litorâneas são comercializados basicamente produtos extraídos da atividade pesqueira; nas do interior, frutas e legumes; e em algumas cidades do estado de São Paulo são comercializados apenas roupas e materiais domésticos, como produtos de limpeza e utensílios para casa.

Outros fatores que contribuem para a mudança estrutural das feiras livres são o aparecimento de “sacolões”, locais fechados de comercialização de produtos agrícolas, e a crescente expansão dos supermercados/hipermercados, que oferecem uma infinidade de produtos em um mesmo local com segurança e estacionamento gratuito.

Atualmente, observa-se uma tendência de redução do número de feiras e da quantidade de barracas por produto, principalmente no interior do estado de São Paulo. No entanto, há locais onde as feiras mantêm sua característica original, ou seja, grande número de barracas e, conseqüentemente, aumento da concorrência entre os feirantes. Tal fato leva-os a (ab)usarem (d)a voz para chamar a atenção da freguesia e garantir a venda de seus produtos. Dessa forma, Ferreira et alii (1995) incluem os feirantes na categoria dos profissionais de *marketing*, juntamente com os vendedores, operadores, leiloeiros e políticos.

Os feirantes, pelo uso vocal intenso e com grande esforço, apresentam-se como grupo de profissionais com elevado risco para o desenvolvimento de disfonias; especificamente, o uso vocal dos feirantes é caracterizado pela emissão de voz em freqüência aguda, com forte intensidade, chegando muitas vezes ao

grito; articulação exagerada; modulação repetitiva com grande variabilidade de frequência; prolongamento de vogais e rouquidão em grau leve e moderado (Behlau, 2001).

Pode-se dizer que, além do uso intensivo da voz, outros fatores podem interferir na saúde vocal do feirante, por exemplo, a rotina de trabalho, o ambiente ruidoso, as circunstâncias térmicas desfavoráveis (no caso das feiras livres, a montagem das barracas geralmente ocorre de madrugada, período em que a temperatura tende a ser mais baixa) e a restrição de horas de sono/descanso (Sataloff, Hawkshaw, Rosen, 1997) associada ao uso de estimulantes “caseiros”.

Alguns estudos têm sido realizados sobre essa população em diferentes áreas da saúde pública. Pode-se citar o estudo da biomédica Soraya Audi, que procurou avaliar e conhecer as condições higiênico-sanitárias de 50 feiras instaladas no município de São Paulo (Audi, 2002), além da pesquisa realizada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, que procurou estabelecer a relação entre o tempo que os indivíduos levam em determinado percurso da feira e o número de frequentadores (De Paula et alii, 1999). Entretanto, pouco se tem pesquisado sobre as condições vocais dos feirantes (Oliveira, 2000; Ferreira e Oliveira, 2002; Figueiredo et alii, 2002).

Menciona-se, aqui, o trabalho de Oliveira (2000), que teve por escopo investigar as queixas vocais dos feirantes da cidade de São Paulo, examinar se conheciam o trabalho fonoaudiológico e pesquisar como a voz os auxiliava nas vendas de seus produtos. A autora concluiu que mais da metade dos feirantes apresentam queixas vocais, a maioria dos entrevistados (71%) não conhece o trabalho fonoaudiológico e os feirantes que atendem uma freguesia com poder aquisitivo mais elevado utilizam a voz com menor intensidade.

Outra pesquisa, com população semelhante, os locutores de Belém, que apresentam as ofertas do dia na frente da loja usando microfone e caixa de som, foi realizada por Ferreira e Oliveira (2002). As autoras procuraram descrever as condições de produção vocal desses locutores, mapeando os riscos ocupacionais a que esses locutores estão expostos. Concluíram que 38,7% da população pesquisada já apresentou algum sintoma vocal, especificamente perda da voz, presença de rouquidão, ardor e pigarro.

Figueiredo et alii (2002) pesquisaram, por meio de questionário, os aspectos de saúde vocal em 46 indivíduos, sendo 25 trabalhadores do Mercado Municipal de São Paulo e 21 feirantes de rua. As autoras encontraram 34,8% de indivíduos com queixas em relação à voz e concluíram que essa população é considerada de risco para alterações vocais.

Portanto, motivos como a escassez de pesquisas nacionais e internacionais relacionadas a feirantes, profissionais que usam a voz como principal instrumento de trabalho com exígua orientação fonoaudiológica, justificam a realização deste estudo.

Esta pesquisa tem por objetivo caracterizar o ambiente de trabalho – número total de barracas, número de barracas por produto e a existência ou não de ruído ambiental –, a população pesquisada – sexo, idade, tempo de profissão e jornada de trabalho –, além de investigar os hábitos e as queixas vocais de feirantes das cidades de Piracicaba e São Paulo.

Material e método

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas algumas feiras da cidade de Piracicaba e São Paulo. A escolha da cidade de Piracicaba deu-se pela própria localização do curso de Fonoaudiologia da Unimep, enquanto a cidade de São Paulo foi selecionada pela observação da existência de feiras de médio e grande porte e uso intenso da voz.

As feiras de ambas as cidades foram selecionadas de acordo com seu tamanho e nível socioeconômico de sua freguesia. O objetivo inicial era avaliar feiras de grande e médio porte. No entanto, acabou-se por pesquisar as feiras existentes na cidade de Piracicaba, o que significa que foram pesquisadas duas feiras pequenas. Já na cidade de São Paulo, foi possível analisar uma feira de médio porte.

A primeira feira de Piracicaba, Feira A, localiza-se no bairro Paulista, em uma rua próxima a uma avenida movimentada, tem extensão de um quarteirão. A segunda feira de Piracicaba, Feira B, situa-se no bairro Alto e tem extensão

menor que um quarteirão. As amostras das feiras A e B, de Piracicaba, foram agrupadas para possibilitar a comparação com os dados da feira de São Paulo, uma vez que nesta foi possível entrevistar maior número de feirantes.

A feira de São Paulo, Feira C, é localizada na rua Mourato Coelho, no bairro de Pinheiros, e compreende vários quarteirões e outras ruas transversais.

Foi elaborado um questionário, aplicado em 30 feirantes da cidade de Piracicaba e 45 feirantes da cidade de São Paulo. O questionário foi elaborado com questões referentes ao diagnóstico situacional das feiras pesquisadas, ou seja, buscou-se caracterizar o ambiente de trabalho (número total de barracas, número de barracas por produto e existência ou não de ruído ambiental), bem como a população pesquisada (sexo, idade, tempo de profissão e jornada de trabalho).

Além das questões acima descritas, foram investigadas questões referentes à existência ou não de hábitos prejudiciais à voz (fumo, álcool, pigarrear, falar intensamente, falar em forte intensidade, aumento da intensidade da voz diante de ruído) e a presença de queixas vocais, tais como: dificuldade para falar forte, necessidade de repetir para ser compreendido, mudanças da voz no final do dia, rouquidão, dificuldade para desenvolver a profissão por causa da voz e ansiedade ou frustração por causa da voz.

Após a aplicação dos questionários, foi realizada a análise comparativa dos mesmos entre as feiras de Piracicaba (A + B) e a de São Paulo (C).

Convém ressaltar que alguns itens do questionário foram adaptados de questionários preexistentes, tendo sido escolhidas algumas questões do protocolo de qualidade de vida e voz proposto por Hogikyan e Sethuraman (1999), por ser esse um questionário com questões de domínio socioemocional e físico, voltado à qualidade de vida e voz.

Os questionários foram aplicados por duas fonoaudiólogas e três graduandas em Fonoaudiologia, nos meses de novembro e dezembro de 2000. Os feirantes foram informados de que tal questionário era parte integrante de uma pesquisa sobre voz profissional e foi dada a eles a opção de participar ou não da pesquisa; todos os abordados concordaram em responder às questões. O critério de seleção dos feirantes foi a disponibilidade para responder ao questionário; o uso abusivo da voz não foi utilizado como critério de inclusão.

Para melhor confiabilidade dos dados obtidos, foi realizada análise estatística utilizando os testes de Qui – quadrado. Nas comparações que apresentavam algum valor inferior a 5 foi utilizado o teste exato de Fisher. Em ambos os testes foi considerado nível crítico de 5%.

Resultados e discussão

Na Feira A, o ambiente de trabalho é bastante ruidoso devido ao trânsito de veículos em frente à feira e às caixas de som utilizadas pelos feirantes para transmitir músicas e fazer propaganda dos produtos das barracas. Foi investigada também a composição das barracas, cuja distribuição está exposta na Tabela 1. Em relação aos feirantes, foram aplicados 20 questionários. A maioria deles trabalha, em média, oito horas por dia, seis dias por semana, em diferentes locais da cidade. O tempo de profissão dos mesmos variou de três semanas a 35 anos, e a média aproximada de tempo de trabalho foi 13 anos (Quadro 1).

Na Feira B, o ambiente de trabalho não é muito ruidoso, pois a feira localiza-se em um quarteirão impedido para a circulação de veículos. Foi investigada também a composição das barracas, cuja distribuição pode ser visualizada na Tabela 1, somando um total de nove barracas. Nessa feira foram aplicados somente dez questionários, podendo-se observar que a maioria dos feirantes trabalha oito horas por dia, seis dias por semana, em diferentes locais da cidade. O tempo de profissão dos feirantes variou de um a 26 anos, sendo a média aproximada de 11 anos (Quadro 1).

Nota-se que a situação das feiras da cidade de Piracicaba revela número reduzido de barracas e discreta concorrência dos produtos – praticamente, há uma barraca por produto, fato que reduz a competição entre os feirantes (Tabela 1).

Na feira C, da cidade de São Paulo, a situação parece ser diferente, pois ela possui grande número de barracas (81), caracterizadas por grande competitividade entre elas, especialmente em relação à venda de frutas e verduras. Para melhor visualizar essa concorrência, a distribuição das barracas por produto comercializado encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição do número de barracas por produto nas diferentes feiras das cidades de Piracicaba e São Paulo

Barraca	Piracicaba		São Paulo
	A	B	C
Pastel	4	2	6
Frios e conservas	2	0	1
Cereais/grãos/ovos	2	1	3
Carne/frango/peixe	1	1	8
Utensílios domésticos	1	1	6
Comida oriental	1	0	0
Churros	1	0	0
Frutas e verduras	12	3	50
Roupas e armarinho	0	1	4
Flores	0	0	3
Total	24	9	81

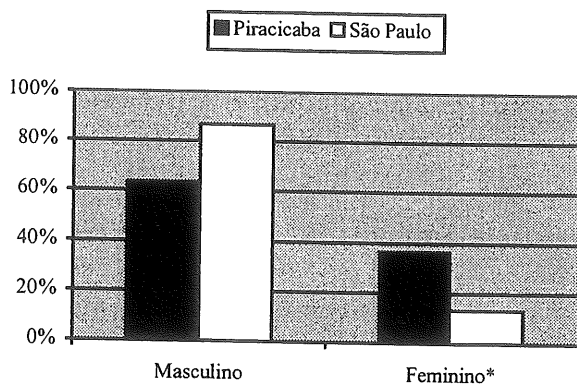
Já nessa feira foram aplicados 45 questionários. O tempo de profissão dos feirantes da cidade de São Paulo variou de seis meses a 46 anos, e a média aproximada de tempo de trabalho foi 17 anos. Em relação à carga horária de trabalho e ao tempo de profissão, pôde-se observar homogeneidade entre as duas feiras de Piracicaba e a de São Paulo; apenas o tempo de profissão foi, em média, maior na cidade de São Paulo (Quadro 1).

Quadro 1 – Caracterização da amostra de acordo com sexo, média de idade (em anos), tempo de profissão (em anos), carga horária de trabalho por dia e número de dias por semana nas diferentes feiras das cidades de Piracicaba e São Paulo

		Piracicaba		São Paulo
		A	B	C
Sexo	F	6	5	6
	M	14	5	39
Idade		40,2	42,1	34,2
Tempo de profissão		13	11	17
Carga horária/dia		8	8	8
Dias/semana		6	6	6

Participaram desta pesquisa 75 feirantes, 30 da cidade de Piracicaba e 45 da cidade de São Paulo. Do total, 58 são do sexo masculino e 17 do sexo feminino. O sexo masculino predominou em ambas as cidades – 63,4% na cidade de Piracicaba e 86,7% na cidade de São Paulo –, porém, na cidade de Piracicaba, há maior porcentagem estatisticamente significativa ($p=0,018$) do número de feirantes do sexo feminino (36,6%), se comparada à cidade de São Paulo (13,3%), como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Comparação do sexo dos feirantes entre as cidades de Piracicaba e São Paulo

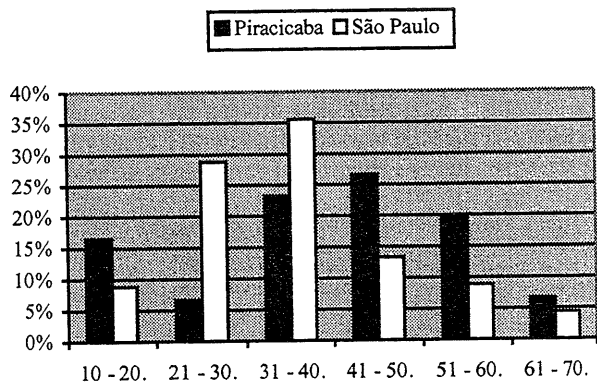


* Diferença estatisticamente significativa.

Tal fato pode estar associado à tradição de famílias de trabalhar na feira e à necessidade da participação das mulheres no mercado de trabalho, o que repercute na continuidade dessa tradição. Além disso, o fato de a cidade de São Paulo apresentar maior violência urbana talvez dificulte a preferência do sexo feminino por esse tipo de atividade profissional.

A faixa etária da população pesquisada variou de 14 a 69 anos e a faixa etária predominante na cidade de Piracicaba variou entre 31 e 50 anos (média de 40,8 anos) e, em São Paulo, a faixa etária predominante foi entre 21 e 40 anos (média de 34,2 anos), como mostra o Gráfico 2.

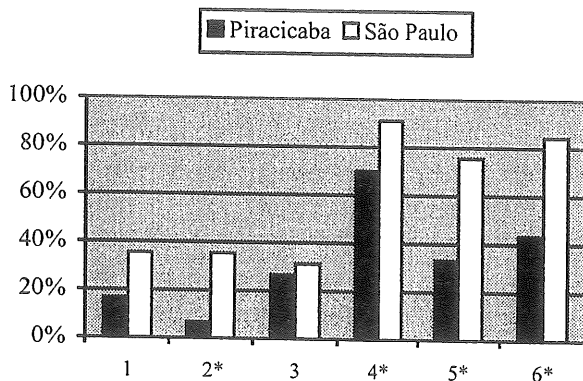
Gráfico 2 – Comparação da faixa etária dos feirantes entre as cidades de Piracicaba e São Paulo



Provavelmente, a rotina e o dinamismo da feira da cidade de São Paulo exijam mais a presença de pessoas do sexo masculino nas faixas etárias mais jovens. Além disso, o fato de a feira de Piracicaba apresentar membros de uma mesma família trabalhando, na tentativa de manter a tradição e/ou por circunstância de mercado de trabalho, pode ser um fator que eleve a faixa etária atuante. Pode-se dizer que em uma cidade de médio porte com as características de Piracicaba, a oferta de trabalho para pessoas do sexo feminino é menor do que para o sexo masculino, bem como para os mais jovens. Esse motivo, associado à manutenção da tradição, traz famílias para a feira, inclusive as mulheres.

Em relação aos hábitos vocais inadequados, esta pesquisa revelou maior porcentagem de hábitos vocais inadequados nos feirantes da cidade de São Paulo, especialmente relacionados ao uso de cigarro e de bebidas alcoólicas (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Comparação dos hábitos prejudiciais à voz entre as cidades de São Paulo e Piracicaba



Legenda:

1 – Fumo

2 – Álcool

3 – Pigarro

4 – Falar intensamente

5 – Falar em forte intensidade

6 – Aumento da intensidade ante ruído

* – Diferença estatisticamente significativa

Na cidade de São Paulo, 35,5% dos feirantes referiram tabagismo, enquanto, em Piracicaba, apenas 16,6% ($p=0,74$). No que se refere ao consumo de álcool, 35,5% dos feirantes da cidade de São Paulo referiram tal hábito, contra 6,7% dos feirantes de Piracicaba. Em análise comparativa dos hábitos vocais das duas amostras, pôde-se observar que o consumo de álcool foi significativamente maior nos feirantes da cidade de São Paulo ($p=0,004$). Tal fato se explica, talvez, pelo predomínio da população masculina e de faixas etárias mais jovens, pois, na sociedade brasileira atual, o consumo de álcool é mais livre entre os homens.

O pigarro é um hábito referido de modo semelhante ($p=0,679$) pelos feirantes da cidade de Piracicaba (26,6%) e da cidade de São Paulo (31,1%), o que pode representar uso de voz de forma inadequada, bem como população sem informação e preparo vocal (Oliveira, 2000). Silva (1999) observou que os fei-

rantes são os profissionais que menos procuram o trabalho fonoaudiológico e interrogou se isso se dá por desconhecimento do trabalho fonoaudiológico ou por ausência de dificuldades vocais. Do nosso ponto de vista, a dificuldade de acesso desse profissional à Fonoaudiologia deve-se ao fato de essa ser uma profissão recente e também elitista, encerrada em consultórios particulares, realizando trabalhos para camadas privilegiadas economicamente (idem, 2002).

Com relação ao uso da voz, falar intensamente foi referido por 70% dos feirantes de Piracicaba e 91,1% dos feirantes de São Paulo. É possível observar que os feirantes das duas cidades apresentam uso intenso da voz, caracterizando essa população como de risco para o desenvolvimento de disfonia ocupacional. No entanto, os feirantes de São Paulo apresentam aumento estatisticamente significativo desse padrão vocal ($p=0,018$), em relação aos feirantes de Piracicaba.

O uso intensivo da voz é marcado pelo atendimento aos clientes, bem como pelo uso de expressões e melodias que funcionam como chamariz, por exemplo: “Mulher bonita não paga, mas também não leva”. Assim como o observado em vendedores, o discurso é dinâmico e expressivo, permeado pela presença de maior variação melódica nos enunciados persuasivos, emprego de frequência usual mais aguda, maior extensão vocal, maior duração das vogais das sílabas tônicas (Alves e Reis, 2002).

Falar em forte intensidade foi referido por apenas 33,3% dos feirantes de Piracicaba, contra 75,6% dos feirantes de São Paulo ($p<0,001$). O aumento da intensidade diante de ruído foi referido por 43,3%, em Piracicaba, e 84,4% dos feirantes, em São Paulo ($p<0,001$). A necessidade de falar em forte intensidade e aumentar o volume da voz diante de ruído foi estatisticamente superior nos feirantes de São Paulo. Tal fato deve-se, provavelmente, a fatores do ambiente de trabalho, tais como: elevado nível de ruído, distância entre o feirante e o freguês e, sobretudo, fatores de concorrência. Tais aspectos induzem ao uso excessivo da voz, ou seja, para chamar a atenção da freguesia, o feirante se agride.

Sabe-se que hábitos vocais inadequados, como os acima discutidos, podem estar ou não relacionados ao uso ocupacional da voz, causando transtornos diretos ou indiretos ao exercício profissional adequado (Rodrigues, Azevedo e Behlau, 1996).

Quanto às queixas vocais, 40% dos feirantes da cidade de Piracicaba e 53,3% dos feirantes da cidade de São Paulo apresentam-nas (Gráfico 4). A queixa mais comumente referida foi mudança da voz no final do dia, caracterizando um aumento estatisticamente significante ($p=0,037$) dos feirantes de São Paulo (35,5%) quando comparado aos feirantes de Piracicaba (13,3%). As mudanças vocais foram caracterizadas como cansaço, fadiga e diminuição da intensidade vocal no final do dia.

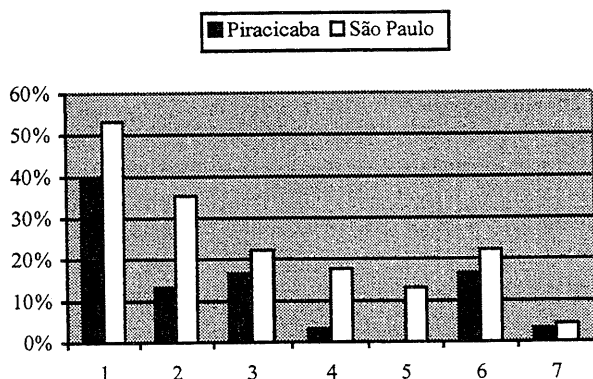
A necessidade de repetir seu enunciado para ser compreendido foi a segunda queixa relatada e de forma semelhante em ambas as cidades ($p=0,556$). Pode-se supor que essa queixa, além dos impeditivos físicos, também está diretamente associada à competição sonora; no entanto, foi referida em menor porcentagem do que o relatado quanto ao uso de voz em forte intensidade e ao aumento da mesma diante de ruído. Talvez a discrepância observada deva-se ao fato de terem ocorrido problemas na interpretação da pergunta, por parte dos feirantes, e/ou falta de clareza por parte dos entrevistadores.

A rouquidão foi relatada por apenas 3,3% dos feirantes de Piracicaba e 17,7% dos de São Paulo. A reduzida porcentagem dessa queixa, mesmo na presença de uso intensivo da voz, pode ser decorrente da maior frequência de queixas físicas e não auditivas da voz nos profissionais sem preparo vocal. Sabe-se que pessoas mais cinestésicas referem mais a presença de sintomas físicos correlacionados à voz do que os sintomas auditivos em relação à voz (Behlau e Pontes, 1995).

Dificuldade em falar forte foi referida por 13,3% dos feirantes de São Paulo e nenhum feirante de Piracicaba ($p=0,005$), provavelmente em decorrência do ambiente de trabalho menos ruidoso na cidade do interior de São Paulo.

A necessidade de respirar enquanto fala, item extraído do protocolo de qualidade de vida e voz (Hogikyan e Sethuraman, 1999), foi pouco referida pelos feirantes (6,6% em São Paulo e 10% em Piracicaba), apesar do uso ocupacional da voz.

Gráfico 4 – Comparação das queixas vocais dos feirantes entre as cidades de São Paulo e Piracicaba



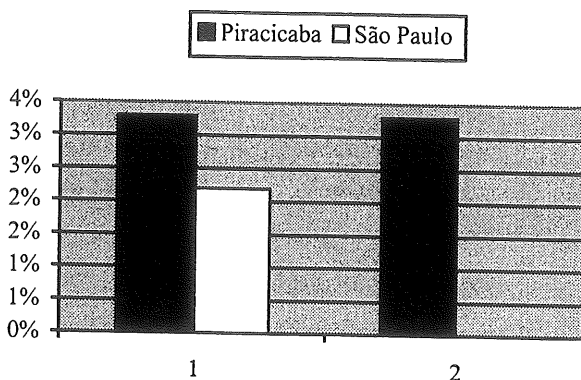
Legenda

- 1 – Total de feirantes com queixa vocal
- 2 – Mudança da voz no final do dia
- 3 – Necessidade de repetir para ser compreendido
- 4 – Rouquidão
- 5 – Dificuldade em falar forte
- 6 – Necessidade de respirar enquanto fala
- 7 – Outras queixas vocais
- * – Diferença estatisticamente significativa

Em relação aos aspectos psicoemocionais relacionados à voz, apenas 2,2% dos feirantes de São Paulo e 3,3% de Piracicaba referem ansiedade ou frustração por causa da voz e 6,6% dos feirantes da cidade de Piracicaba e nenhum feirante da cidade de São Paulo ($p=0,400$) referiram problemas para desenvolver a profissão por causa da voz (Gráfico 5). Pode-se supor que para os feirantes de ambas as feiras apenas a ausência de voz seria um problema para o desenvolvimento de sua profissão. Tal observação pode indicar que para esses profissionais a disфонia não é um empecilho para o desenvolvimento da profissão, podendo este ser classificado no nível 3 ou 4, segundo Koufman e Isacson (1991). A proposta dessa classificação é correlacionar o uso da voz de acordo com a demanda e o impacto de uma eventual alteração vocal. Os indivíduos são classificados em

quatro níveis, em ordem decrescente de demanda e de impacto vocal negativo. No nível 3, estão os profissionais não-vocais, que incluem médicos, advogados, vendedores, e no nível 4 os diversos profissionais que não sofrem limitações, mesmo em condições extremas de comprometimento vocal. No entanto, Oliveira (2000), em seu estudo, relatou que a maioria dos feirantes entrevistados referiram que a voz é fundamental na venda do produto.

Gráfico 5 – Comparação dos aspectos psicoemocionais relacionados à voz dos feirantes entre as cidades de São Paulo e Piracicaba



Legenda

1 – Ansiedade ou frustração por causa da voz

2 – Problemas para desenvolver a profissão por causa da voz

Pode-se dizer que os feirantes das diferentes cidades pesquisadas apresentam características vocais potenciais para o desenvolvimento de disfonia ocupacional, porém pouca concorrência entre os feirantes pode interferir positivamente na redução das queixas vocais. No entanto, os feirantes do interior de São Paulo, apesar da pequena concorrência, queixam-se das mudanças no cenário econômico, que implica a provável eliminação das feiras nessa região, revelando um fator emocional negativo em sua qualidade de vida e voz.

Os feirantes demonstraram-se pouco preocupados com as alterações vocais, o que vem ao encontro do observado por Cariola e Behlau (2001), que verificaram que a população brasileira considera os problemas de voz como pouco prejudiciais à saúde. Isso se deve, do ponto de vista desta pesquisa, a diversos fatores: primeiro, a atenção do feirante volta-se para o serviço braçal – montagem e desmontagem da feira; segundo, acredita-se que os feirantes têm pouca informação sobre os determinantes sociais do processo saúde/doença: condições de trabalho, de economia, etc.; terceiro, a Fonoaudiologia é ainda pouco divulgada com relação à atuação sobre cuidados com a voz, sobretudo em meio a práticas profissionais autônomas como a categoria de feirantes.

Dessa forma, entendemos que a Fonoaudiologia deve intensificar a divulgação de seu campo de trabalho. Isso implica ir além dos locais tradicionais de atuação clínico-terapêutica e procurar espaços organizados da sociedade, como sindicatos, associações de trabalhadores, entre outros, e neles realizar ações preventivo-comunitárias, como palestras, grupos de vivências, elaboração e distribuição de material informativo, de modo a responder às necessidades dos usuários, uma vez que se trata de ações preventivas e promotoras da qualidade de vida.

Conclusão

As feiras estudadas demonstram que, na cidade de São Paulo, a feira apresenta maior número de barracas por produto e, por isso, maior concorrência entre os feirantes, colaborando para o aumento do ruído ambiental. A população feirante é, na maioria, do sexo masculino. Na cidade de Piracicaba, existe, de forma estatisticamente significativa, maior número de feirantes do sexo feminino em relação à feira da cidade de São Paulo. A faixa etária predominante na cidade de São Paulo é mais jovem do que na cidade de Piracicaba.

Quanto aos hábitos vocais inadequados, pôde-se observar que o consumo de álcool, o uso intenso de voz, falar em forte intensidade e ter que aumentar a intensidade vocal diante de ruído ambiental são predominantes entre os feirantes

da cidade de São Paulo. Quanto às queixa vocais, os itens de mudança de voz no final do dia e a dificuldade para falar forte foram também estatisticamente mais freqüentes entre os feirantes de São Paulo.

Resumo

O feirante faz uso constante da voz, visto que   tradio que o comércio de produtos em uma feira se faça por meio do apelo verbal. Objetivo: esta pesquisa propõe-se a caracterizar o ambiente de trabalho, a populao pesquisada, além de investigar os hábitos e a queixa vocal de 30 feirantes de Piracicaba e 45 de São Paulo. Método: foi aplicado um questionário aos feirantes no ambiente de trabalho das respectivas cidades. Resultado: o consumo de álcool, a mudança da voz no final do dia e a dificuldade para falar forte foram estatisticamente mais freqüentes entre os feirantes de São Paulo. Conclusão: os feirantes de ambas as cidades apresentam características vocais potenciais para o desenvolvimento de disfonia ocupacional.

Palavras-chave: voz; qualidade vocal; voz profissional.

Abstract

Objective: This paper aims at comparing vocal habits, vocal usage and vocal complaints by thirty stallholders from Piracicaba and forty-five from São Paulo. A questionnaire was filled in their own work environment. Results: improper vocal habits (smoking), voice alterations at the end of a day's work and difficulty in using a loud speaking voice were more frequent in São Paulo. Conclusion: stallholders from both cities have vocal features that may lead to occupational dysphonia. However, a reduction in competition may result in fewer vocal complaints.

Key-words: voice; vocal quality; professional voice.

Resumen

El feriante hace uso constante de la voz, dado que la tradición del comercio de productos en una feria se hace por medio del apelo verbal. Objetivo: Esta investigación se propone a caracterizar el ambiente de trabajo, la población estudiada, además de investigar los hábitos y la queja vocal de 30 feriantes de

Piracicaba y 45 de São Paulo. Método: se les aplicó un cuestionario a los feriantes en el ambiente de trabajo de las respectivas ciudades. Resultado: el consumo de bebidas alcohólicas, cambios de voz al fin del día y dificultad para hablar fuerte fueron estadísticamente más frecuentes en los feriantes de São Paulo. Conclusión: los feriantes de ambas ciudades presentan características vocales potenciales para el desarrollo de disfonía ocupacional.

Palabras clave: voz; calidad vocal; voz profesional.

Referências

- ALVES, L. M. e REIS, C. (2002). O estudo entonativo da persuasão na fala do vendedor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 10, 2002, Belo Horizonte. *Anais*, São Paulo: [s.n.].
- AUDI, S. G. (2002). *Avaliação das condições higiênico-sanitárias das feiras-livres do município de São Paulo*. Dissertação de mestrado em Saúde Pública. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública.
- BEHLAU, M. S. (2001). Vozes preferidas: considerações sobre opções vocais nas profissões. *Fono Atual*, v. 4, n. 16, pp. 10-14.
- _____ e PONTES, P. A. L. (1995). *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo, Lovise.
- CARIOLA, S. G. e BEHLAU, M. S. (2001). “O impacto vocal de uma eventual perda da voz na vida diária de indivíduos normais”. In: BEHLAU, M. S. *A voz do especialista*. Volume 2. Rio de Janeiro, Revinter.
- COORDENAÇÃO DE LICENCIAMENTO E FISCALIZAÇÃO DA PREFEITURA DA CIDADE DO RIO, 1999. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/historia.htm>. Acesso em: 13 set. 2002.
- DE PAULA, A. P.; BARRETO, H. F. C.; CRISTINO, N. C. SOUZA, R. C. M. (1999). *Pesquisa de observação em uma feira livre*. Pesquisa realizada para a disciplina Psicologia Social III (curso de Psicologia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em <http://www.geocities.com/Athens/Olympus/2390/feira.htm>. Acesso em 15 de maio 2003.

- FERREIRA, L. P.; OLIVEIRA I. B.; QUINTEIRO E. A. e MORATO, E. M. (1995). "Uma pesquisa, uma proposta, um livro: três histórias que se cruzaram". In: FERREIRA, L. P. *Voz profissional: o profissional da voz*. Carapicuíba, Pró-Fono.
- FERREIRA, L. P. e OLIVEIRA, R. H. (2002). "Voz profissional: conhecendo o perfil vocal de locutores de varejo de Belém do Pará". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 10, Belo Horizonte. *Anais*, São Paulo, [s.n.].
- FIGUEIREDO, D. C.; GUIRALDELLI, L.; SOUZA, P. R. F.; LEMOS, S. M. A. (2002). Programa de orientação e prevenção vocal em feirantes de rua e trabalhadores do mercado Municipal de São Paulo. In: CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE, 3, São Paulo. *Anais*, São Paulo, [s.n.].
- HOGIKYAN N.D. e SETHURAMAN G. (1999). Validation of an instrument to measure voice-related quality of life (V-RQOL). *J. Voice*, v. 13, pp. 557-69.
- KOUFMAN, J. A. e ISACSON, G. (1991). *Voice disorders*. Philadelphia, Saunders.
- MOTA, M. B. e BRAICK, P. R. (1999). *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo, Editora Moderna.
- OLIVEIRA, C. S. (2000). *A voz do feirante*. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Fonoaudiologia).
- RODRIGUES, S.; AZEVEDO, R. e BEHLAU, M. (1996). "Considerações sobre a voz profissional falada". In: MARCHESAN, I.; ZORZI, J. e GOMES, I. C. D. *Tópicos em Fonoaudiologia*. Volume III. São Paulo, Lovise.
- SATALOFF, R. T.; HAWKSHAW, M. e ROSEN, D. C. (1997). "Medications: Effects and side effects in professional voice user". In: SATALOFF, R. T. *Professional voice*. San Diego, Singular.
- SILVA, M. A. (1999). Voz profissional: novas perspectivas de atuação. *Distúrbios da Comunicação*, v. 10, n. 2, pp. 177-192.

Lucia F. Mourão; Tais T. Trevizor; Cláudia Granato; Elenir Fedosse e Kelly C. A. Silvério

SILVA, R. C. A. (2002). *A construção da prática fonoaudiológica no nível local norteada pela promoção da saúde no município de Piracicaba*. Dissertação de mestrado em Saúde Pública. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública.

Recebido em fev./03; aprovado em jun./03

Endereço para correspondência:

Lucia Figueiredo Mourão
Rua Eleotério Fascione, 1 – Moenda
CEP 13.252-772 Itatiba – SP